

Tessituras do sensível em *Vida Simples* e os modos de ser revista

Frederico de Mello Brandão Tavares

Resumo: O presente texto discute a relação do sensível com o jornalismo impresso, apontando para sua presença no universo das revistas segmentadas. Apresentam-se aqui resultados e reflexões de uma investigação que analisou a composição editorial da revista *Vida Simples*, publicada mensalmente pela Editora Abril entre os anos de 2002 e 2011. Considerando os movimentos de constituição da publicação, seus elementos jornalísticos e sua materialidade, relata-se, por meio de fragmentos dessa análise mais ampla, os modos pelos quais, ao tratar de uma só temática, a revista elabora formas sensíveis de abordagem sobre a qualidade de vida na sociedade contemporânea, seu tema central. Segundo a pesquisa, mais que uma estratégia, o sensível desponta como uma espécie de fio invisível, que costura a trama editorial e incide sobre o jornalismo que marca a revista, caracterizando-o e sendo por ele caracterizado.

Palavras-chave: sensível; composição editorial; jornalismo de revista; *Vida Simples*

Abstract: **Sensible weavings in *Vida Simples* and in this magazine's way-of-being.** This paper discusses the relation of the sensitive with the print journalism pointing out to its presence in the world of journalism linked to targeted magazines. Here are presented some results and reflections of an investigation that approached the editorial composition of *Vida Simples* magazine, which has been published on monthly issues by Editora Abril from 2002 to 2011. Considering the movements of the constitution of this publication, as well as its journalistic elements and materiality, it is reported - from fragments of a broader analysis - how this magazine, approaching just one topic, is able to elaborate sensitive ways of approach on the quality of life in the contemporary society - its central issue. According to the survey, more than just a strategy, the sensitive emerges as a kind of invisible thread, sewing an editorial fabric focused on a kind of journalism that configures the publication, featuring it and being featured by it.

Keywords: sensitive; editorial composition, magazine journalism; *Vida Simples*

Da revista e seus liames editoriais

O jornalismo em geral encontra-se implicado por duas questões essenciais e correlacionadas. Em primeiro lugar, no que diz respeito às suas distintas materialidades, seja qual

for a mídia, as práticas jornalísticas estão fortemente marcadas por uma racionalidade em que a relação entre os interlocutores prima por acordos que perpassam, em sua origem, uma orientação positivista, “pautada”, entre outros preceitos, na objetividade, verdade e neutralidade. Aspectos estes que, mesmo já questionados e insistentemente revisados, não deixam de orientar um certo *ethos* profissional, marcado tanto pela deontologia do campo quanto por sua própria ética. Em segundo lugar, uma vez que se encontra no jornalismo uma certa “dureza” técnica (vista aqui como prática humana e profissional) e tecnológica (vista aqui a partir dos meios de comunicação), olhar para as manifestações jornalísticas de um ponto de vista estético, zona obscura e pouco tátil (SODRÉ, 2006) traz alguns desafios e especificidades.

Segundo Muniz Sodré, é particularmente visível, nos dias atuais,

a urgência de uma outra posição interpretativa para o campo da comunicação, capaz de liberar o agir comunicacional das concepções que o limitam ao nível de interação entre forças puramente mecânicas e de abarcar a diversidade da natureza das trocas, em que se fazem presentes os signos representativos ou intelectuais, mas principalmente os poderosos dispositivos do afeto (SODRÉ, 2006, p. 13).

Tais dispositivos afetivos convocados pelo autor dizem da necessidade que se tem hoje de pensar como o *sensorium* habita a mídia e serve de base para se entender certos terrenos pelos quais transita não só o fenômeno da midiaticização, mas a própria experiência dos sujeitos, como lembram Guimarães e Leal (2008).

Isso posto, se consideramos o universo do jornalismo de revista e as variações que esse produto jornalístico possui, é possível dizer que cada título (publicação) configura e está configurado por um tipo de jornalismo, bem como possui características desse jornalismo (de revista). Nesse cenário, há uma série de padrões que dizem respeito a um processo de elaboração da informação e, de maneira direcionada, configuram aspectos que são pensados previamente e tomados como indicadores de um perfil editorial. No entanto, sob a ótica das questões estéticas, se observamos um só exemplar de uma revista ou um conjunto delas (desse mesmo título), pode-se afirmar que outras questões atravessam sua identidade e sua natureza material e, em muitos momentos, conduzem a uma trama “pouco tátil”, que entrelaça conteúdos e colabora com a tessitura de seu circuito comunicativo. Algo que escapa a questões propriamente cognitivas e que situa a existência de outros registros e regimes de sentido no marco dessa produção informativa específica.

Entre os anos de 2007 a 2011, na análise e problematização da constituição editorial da revista *Vida Simples*, publicada mensalmente pela Editora Abril e voltada para o segmento da qualidade de vida, iniciamos a busca pelas representações de uma ideia sobre o bem-estar na sociedade que, na observância de movimentos editoriais, acabaram por nos levar à percepção sobre a presença de algumas questões que aproximam o sensível a lógicas e estratégias jornalísticas.

No decorrer de nossa pesquisa, a compreensão das processualidades de *Vida Simples* conduziu-nos rumo à presença de uma sensibilidade da e na revista, indicando esta como uma categoria e um ponto de partida para pensar um jornalismo específico, voltado “para quem quer viver mais e melhor” (*slogan* da publicação). Uma presença que indicou um rol de elementos para alcançarmos, dentro de uma problemática própria, aspectos que diziam respeito àquilo que nomeamos como a “‘revistação’ do bem viver”. É sobre tal questão que trata este artigo.

Jornalismo e “sensibilidade”

Yvana Fachine (2007, p. 198 - 199), ao refletir sobre o sensível na mídia, pergunta: “se uma análise estética deve ocorrer pela relação, pelo ato, e não pelo enunciado e pelo contexto, como fazer uma análise do produto?” José Luiz Braga (2010, p. 77), comentando sobre a relação da experiência estética com as interações sociais mediatizadas, afirma: “mesmo ao observar produtos, estaríamos voltados, através de seu exame, para questões de circulação em que podem ser envolvidos”.

Ambos os autores, apesar de partirem de lugares teóricos distintos, chamam a atenção para uma ação. Colocam em cena interlocutores e delineiam, por um tipo de relação e análise, o papel do meio de comunicação, hoje, no campo das experiências estéticas dos sujeitos. No que tange à experiência estética pelos fenômenos extraestéticos (BRAGA, 2010) que povoam a contemporaneidade e incidem sobre a sensorialidade dos sujeitos, é possível afirmar que tal experiência é orientada “por uma dimensão relacional que toma o lugar da ênfase comumente atribuída às propriedades imanentes ao objeto, à situação ou ao evento que, em virtude da economia interna de seus procedimentos expressivos, convoca nossa sensibilidade para experimentá-lo e compreendê-lo” (LEAL; MENDONÇA; GUIMARÃES, 2010, p. 7).

No plano geral dos estudos sobre a estética e o midiático, a grande maioria dos trabalhos volta-se para objetos que, apesar de “não-artísticos”, trazem à tona, principalmente, questões sobre a imagem, o texto ficcional e poético. Destacam-se aí, por isso, pesquisas sobre a televisão, o cinema, a fotografia, a literatura, a música, a poesia. Não se quer dizer, diante disso, que tais objetos ofereçam uma pregnância para se pensar o sensível, sendo estes objetos também refletidos desde perspectivas das mais diversas, tal qual fazem, por exemplo, os estudos de gênero televisivo fundamentados nos Estudos Culturais, como ressaltam Guimarães e Leal (2008).

No interior dos estudos em jornalismo, entretanto, essa presença sensível ainda é pouco debatida. Além disso, empiricamente, o campo do jornalismo se constituiu como espaço de racionalidade e controle (MAROCCO, 2004), o que configurou, em seus produtos e formas de fazer, uma lógica, digamos, pouco afetiva.

Nos textos da área, em que a estética se faz presente, algumas perspectivas podem ser lembradas. Sob um viés discursivo, Cristina Ponte (2005), ao falar do jornalismo resgatando três “viragens científicas” (linguística, sociológica e cultural), procura entender a história do jornalismo (com destaque para aquele de tipo noticioso) como uma forma de imaginação humana, “[...] uma forma – partilhada por quem escreve e lê – na qual a realidade entra na consciência de um modo esteticamente estimulante e com referências para a ação quotidiana e para a expressão de sentimentos” (PONTE, 2005, p. 23).

Tal perspectiva compartilha uma visão que diz da presença da imprensa na vida social concebida como uma espécie de ator que desempenha certas funções e satisfaz certas necessidades de seus leitores, proporcionando a eles uma proximidade acerca de expectativas que compõem seu imaginário. Aquilo que George H. Mead (1927), em seu texto *A natureza da Experiência Estética*, como relembra Ponte (2005), nomeia como um “imaginário de prazer” através do qual o público poderia interpretar sua experiência como partilhada pela comunidade de que faz parte¹. Ou seja, um viés que diz do sensível do ponto de vista da interação que valoriza alguns vínculos sociais que se estabelecem a partir da imprensa.

Outros estudos colocam em cena a questão da narrativa jornalística e, ao tensioná-la em relação à sua aproximação com a narrativa literária, constroem objetos cuja análise toca a esfera do subjetivo e do estético. Gislene Silva (2010, p. 245-246, grifos da autora) relembra essa dimensão investigativa e elenca algumas perspectivas que compartilhamos como referência:

Na prática do jornalismo, há exemplos de experiências da subjetividade que orientam a apuração e redação de notícias e reportagens. Há igualmente o reconhecimento e conhecimento reflexivo a este respeito, como uma *guinada subjetiva* (SERELLE, 2009), uma *narrativa jornalística para além dos faits-divers* (ALBUQUERQUE, 2000), uma *ficcionalidade do relato jornalístico* (VOGEL, 2005) ou um falar não mais *para as massas*, mas falar *com o outro* (RESENDE, 2010), e muitos outros estudos.

Cremilda Medina (2008) também apresenta uma reflexão que aproxima o sensível da realidade da cobertura cotidiana do mundo, colocando em foco a questão da autoria e da subjetividade. A autora aponta para a presença e necessidade, no interior das práticas profissionais, de uma “virada paradigmática” que, desde os afetos, modifique a relação do jornalismo com a ciência. Em seu percurso reflexivo que parte da leitura sobre a herança positivista do jornalismo rumo a um “diálogo dos afetos”, Medina realiza um movimento

1 - Mas ressalta Mead: “It is evident that these forms will change and, if you like, improve, as the group to which the paper appeals realizes itself in the larger interests and undertakings of the community. It does not necessarily lose its peculiar individuality, but it becomes functional in the greater society in a creative sense. In this sense an intelligent newspaper management may lead its readers, but it can never get far away from the form of the news which their reveries demand” (MEAD, 1927, p. 390).

que propõe um novo (outro) jornalismo, resultado do tensionamento (crítico e hermenêutico) entre o jornalismo e a ciência e permeado por um elemento outro: a sensibilidade.

A reflexão de Medina (2008) chama a atenção para a superação, por parte do jornalismo como discurso da contemporaneidade, “da função administrativa dos sentidos” e, em conjunto com outras posições, acima lembradas, toca numa questão cara ao campo do jornalismo em geral, que diz respeito ao jornalismo como forma de conhecimento na sociedade e como ator principal, na contemporaneidade, na “arte de tecer o presente”². Casando tal argumento ao cenário da mídia atual, é necessário perceber em que medida, no contexto de mediatização e sua configuração como processo interacional de referência (BRAGA, 2007), podemos pensar a “mediação sensível” realizada em uma revista e suas peculiaridades.

Para Sodré, a dimensão do sensível implica em

uma estratégia de aproximação das diferenças – decorrente de um ajustamento afetivo, somático, entre partes diferentes num processo –, fadada à constituição de um saber que, mesmo sendo inteligível, nada deve à racionalidade crítico-instrumental do conceito ou às figurações abstratas do pensamento (SODRÉ, 2006, p. 11).

Uma singularidade que, no sentido apontado pelo autor, diz de uma potência para as experiências sensíveis, “salvaguardando sempre para o indivíduo um lugar exterior aos atos puramente linguísticos, o lugar singularíssimo do afeto” (SODRÉ, 2006, p.11). E que, pensada desde uma ideia de experiência sensível mediada (considerando a mediação dos meios de comunicação), deve ser vista duplamente, como apontam Guimarães e Leal:

A noção de “experiência mediada”, reformulada, deve funcionar aqui à maneira de uma dobradiça: de um lado, ela se abre às formas de narrar e instituir o real: de outro, ela suscita crenças e modos de ver no espectador, acionando os componentes próprios da experiência estética, e a incidência de seus efeitos sobre os sujeitos. Dupla visada, complementar e articulada: de um lado, a fabricação do real pelos relatos: de outro, a experiência do espectador (GUIMARÃES; LEAL, 2008, p.13).

Se localizamos essa singularidade relacional no jornalismo especializado de revista para o qual nos dirigimos, se pensarmos as maneiras “sensíveis” nas quais esse processo ocorre, é importante refletir sobre certas características que marcam decisivamente a “realidade jornalística” aí demarcada e que conduzem para os vínculos que esta estabelece com a realidade social para a qual ela está direcionada, a partir de uma temática específica.

2 - No campo da reflexão sobre o sensível, o pensamento de Jacques Rancière (2005) nos chama a atenção sobre o “fazer” por meio das “práticas da arte”, dimensionando, desde um outro campo teórico, algo que podemos extrapolar para uma prática jornalística singular, relacionada a uma “arte de tecer”: “As práticas artísticas são ‘maneiras de fazer’ que intervêm na distribuição geral das maneiras de fazer e nas suas relações com maneiras de ser e formas de visibilidade” (RANCIÈRE, 2005, p. 17).

Vida Simples nasce de uma preocupação editorial, jornalística e mercadológica. Mas sua materialização, tensionada por aquilo que a atravessa, permite enxergar a qualidade de vida por ela proposta para além de seus conteúdos, naquilo que seus processos sugerem, invisivelmente, como experiência e interação.

***Vida Simples* e tessituras editoriais pelo sensível**

Se classificarmos *Vida Simples* dentro das lógicas jornalísticas e tomarmos de forma interessada seus discursos, encontramos com duas questões aparentes. Do ponto de vista do jornalismo de revista que ali se realiza, orientado por uma temática ampla, teríamos na revista em foco, *a priori*, a presença de uma racionalização da produção noticiosa, afirmada pela condição de uma certa especialização jornalística que ali se manifesta, a partir da qual se lida com referentes temáticos que constituem o universo da qualidade de vida como um conceito e um campo de saberes e proposições no interior da vida social contemporânea. Além disso, a presença de uma lógica discursiva que se aproxima de um tom prescritivo e objetivante (longe de qualquer interação fruidora) traça um perfil para a revista, que, se não fosse visto pelos seus processos, indicaria tanto uma possibilidade de situá-la em um segmento editorial e mercadológico quanto, do ponto de vista da crítica, colocaria em suspeita as “prescrições” pensadas e elaboradas pela revista.

Numa primeira visada sobre seus textos, portanto, pode-se dizer que, ao lidar com a temática da “qualidade de vida”, a revista mescla dois tipos de matérias jornalísticas (comportamento e prestação de serviços) a um tipo de discurso muito presente e difundido na sociedade, o discurso da “autoajuda”. O discurso jornalístico de muitos dos textos da revista aproxima-se das lógicas que norteiam este “ramo *best-seller*” da literatura mundial contemporânea. Não que se faça em *Vida Simples* um tipo de autoajuda. Mas o caráter terapêutico do discurso não só existe, como é dotado, ainda, de uma “aura” de verdade, que pode – e pretende – ser tomado como uma espécie de profilaxia. O que, não se pode deixar de dizer, também, vai ao encontro dos anseios de um público e que permite, neste, uma identificação (algo também a ser problematizado).

Considerando esse viés racionalista, podemos afirmar que a revista entre um tipo de jornalismo e uma certa temática, faz prevalecer questões mais da ordem da representação do que, propriamente, dos processos; uma vez que estes, mesmo considerados, estejam vistos de maneira, em certa medida, determinista, viesados por uma perspectiva.

Nesse sentido, se pensamos do ponto de vista estético, que tem por princípio a valorização da experiência dos sujeitos, e compartilhamos a ideia de um poder emancipatório advindo do *sensorium* na mídia, como “enquadrar” ou pensar *Vida Simples* e seu jornalismo desde essa perspectiva, não necessariamente na investigação da relação produto/receptor, mas nas próprias relações que permeiam e constituem o produto nele mesmo?

A resposta para a questão acima passa pelo olhar sobre a globalidade de *Vida Simples*, percebendo a presença do sensível numa tessitura que, no entrelaçar de vários fios, cria, em algum momento, visibilidades para a pouco tangível dimensão dos afetos, extrapolando a dimensão textual jornalística que a sustenta. Algo que diz da maneira de se abordar o conteúdo, da convocação da experiência pelo discurso – mesmo que “terapêutico” – da valorização de aspectos visuais, do conjunto formado pelo projeto editorial e pelos exemplares da revista. É como se disséssemos que, na *performance* da narrativa (aqui tomada em sentido amplo) da revista, existisse um processo de interação, um jogo, que chama o leitor e o conteúdo pela sensibilidade, bem como “enquadra” o conceito de qualidade de vida a partir de um só eixo, que reúne sua multidisciplinaridade de maneira estratégica, “fazendo-a funcionar jornalisticamente”, de forma singular e “sensitiva”. Mais que incorporar um diálogo com o leitor, característica marcante do jornalismo de revista, *Vida Simples* parece dotar seu jornalismo de algumas particularidades: tanto por condensar um olhar sobre um só tema quanto por “guiar-se” por esse olhar, o que afeta, “imaterialmente”, seu jornalismo e, de maneira co-determinada, seu modo de ser revista e de falar sobre a qualidade de vida.

Movimentos invisíveis de uma sensibilidade editorial



Fig.1. Capa *Vida Simples*, Ed. 85 (nov/2009)



Fig. 2. Seção “Mente Aberta” – *Vida Simples*, Ed. 16 (maio/2004)



Fig. 3. Seção “Mente Aberta” – *Vida Simples*, Ed. 32 (set/2005)

Da capa às páginas interiores acima trazidas, o que salta aos nossos olhos parece compor um mesmo enredar. Algo que está dito pelos conteúdos, explicitado, mas que também permanece oculto, uma vez que ele costura esses exemplos da revista separados em seções, assuntos, épocas e fases editoriais distintas³.

3 - Nosso *corpus* de pesquisa corresponde a um total de 108 edições (103 regulares e 5 edições especiais), entre os meses de agosto de 2002 a março de 2011.

A manchete principal da capa da edição 85 (Fig. 1), “É melhor ser alegre que ser triste”, direciona a abordagem do tema da reportagem: depressão. E uma boia vazia, sobre a água de uma piscina, indica o foco do tratamento que a revista irá assumir em relação a esse tema complexo e imediatamente associado ao contrário do que propõe a revista. Na chamada secundária – “A vida é bonita, cheia de surpresas e ainda reserva muitas alegrias para você, mesmo em meio à turbulência. Não mergulhe na depressão (e saiba como encontrar águas mais calmas)” – aparece esse tom, aparece o leitor e o posicionamento que a revista indica sobre o assunto e, também, aparecem os traços do jornalismo útil, que a revista busca oferecer. “Não mergulhe na depressão”, diz de maneira imperativa. “Saiba como encontrar águas mais calmas”, diz do serviço prestado e da maneira metafórica (em imagem e texto) da qual se serve a revista.

Unindo esse todo, há uma musicalidade. É como se, automaticamente, pelo universo compartilhado pela revista com seus leitores e conosco, lêssemos a matéria embalados pelo “Samba da Bênção”, cuja estrofe, não jornalística, sintetizaria um *modus* da revista operar sobre aquele assunto. “Alegria é a melhor coisa que existe”, frase seguinte na letra da música, sem dúvida ecoa do impresso mudo, mas do jornalismo cantado. Entra-se na revista pela sensação. Sinestesia entre o ver, o tocar, o ouvir. Sentido de fazer sentir sobre o tema do qual se fala.

Essa espécie de leveza proposta, que encapa e vai dando sentido, na edição 85 e em todas as outras, de alguma maneira, à simplicidade que propõe a revista, reveste-se de outras roupagens e vai ganhando significações, ao mesmo tempo em que dá sentidos outros aos temas “duros” da qualidade de vida e ao agir sobre os “problemas concretos” da vida, por meio dos quais busca atuar a revista. É quando a experiência pessoal, do jornalista, pela revista, pretende ser ponte para chegar ao leitor. Ponte jornalística. Mas também “revistativa” (TAVARES, 2011) e de *Vida Simples*.

As outras duas imagens (Fig. 2 e Fig. 3) referem-se a dois textos da seção “Mente Aberta”, publicados, respectivamente, em maio de 2004 e setembro de 2005. Marcando-os e enredando-os, está a presença do autor no texto, de uma – distinta – ponte jornalística.

O primeiro texto, escrito pelo então editor da revista, Rodrigo Vergara, narra sua experiência ao pular de paraquedas. Uma espécie de experiência-conselheira, que usa do recurso autoral para dizer, jornalisticamente, sobre esse tipo de esporte. Mas, mais que isso, para dizer, editorialmente, prestando um serviço aos leitores, sobre as benesses dessa prática desportiva. E nesse todo, na construção que ele traz, ganha relevo a proposição, ao leitor, de identificar-se com tal exercício. O que é propiciado pelo outro exercício, o do dizer, que a revista pratica. O final do texto, que encerra a experiência narrada, dá a dimensão desse recurso/jogo que ocorre: “O paraquedas se abre. Pousamos. Engraçado, algo mudou no mundo aqui do chão. Os dias passam e noto que os problemas cotidianos que antes pareciam gigantes ganharam perspectiva. Ficaram pequeninos, comparados ao mistério que é estar vivo”.

O segundo texto, escrito por Priscilla Santos, narra a experiência de conhecer o mar. Não a da repórter. Mas, como ficamos sabendo pela presença de uma fonte “incomum” ao longo do texto, a experiência da avó da repórter, que, aos 80 anos, 75 morando em Minas Gerais, viu o mar pela primeira vez, na Bahia. O texto conta o enredo dessa história pessoal e familiar e também deixa, nas entrelinhas, uma mensagem ao leitor – a de que a imensidão do oceano possibilita conhecer-se a si mesmo, por meio da força reveladora da natureza. “Descobrir é um prazer que acompanha a vida”, diz o subtítulo da matéria. Mas o centro do texto não está no conhecer tardio do Atlântico. Está na revelação que faz a avó da autora e que, entre aspas, sintetiza, além da experiência, o tom da revista: “Acordei às cinco e meia para ver o sol nascer no mar. Abri a porta da varanda, devargazinho para não acordar os outros, e vi aquela cena mais linda. O mar parecia uma prata, com o sol em cima. Fiquei uma meia hora só olhando aquilo, emocionada com a beleza da natureza”.

Pelos dizeres de “Dona Josefa”, que revela sua experiência subjetiva e a individualidade que a envolve, a revista transpõe, “objetivamente”, os significados da “sua” qualidade de vida, que ultrapassa a informação jornalística como um compêndio de dados, ou um narrar asséptico do acontecer. Assume para si um *modo* de ser, pelo modo de ser do leitor, que, jovem, pode aprender com os mais velhos ou com os ensinamentos que vêm, também, da jovem repórter e seu contato com uma fonte tão peculiar.

Para além do cognitivo, entra em cena o sensível. O que é invisível, mas que aparece explícito. Também. Tal qual o encerramento deste texto da seção “Mente Aberta” que define o simples: “Dona Josefa nos lembra que não importam os anos vividos, o mundo tem sempre algo a revelar. Sempre há o que ver, conhecer, sentir. E que o simples também pode ser belo, grandioso e nos fazer felizes. Foi o que senti ao escutar a voz de Dona Josefa cheia de uma alegria que eu, sua neta, jamais havia ouvido”.

A “grandiosidade” do simples, nos dois textos, surge pelo evocar da vastidão da natureza e pela maneira como ela pode nos despertar para o saber lidar, de maneira grandiosa, com a pequenez humana, na superação da adversidade e a partir de um certo olhar para o mundo. Nesse sentido, sem entrar nos méritos ou no julgamento dessa proposta, vale focar a emergência, nos textos, do sujeito e da subjetividade, ambos convocados pelo narrar da experiência e pela proposta do reconhecimento/identificação, que busca integrar revista, jornalista e leitor. Como expressa a fala da repórter, Priscilla Santos, “Dona Josefa nos lembra”. Lembra a ela (Priscilla), à revista, que se utiliza da lembrança, e ao leitor que lê a revista. Todos formando um circuito que é operado, pois, por algo pessoal e humano, cuja matéria, a pauta, diz de uma realidade social e “revistativa” (TAVARES, 2011).

A revista *Vida Simples* busca explicitar uma subjetividade e esta demonstra (fazendo emergir) em seus processos uma espécie de sensibilidade relacional. No entanto, ao dizermos do sensível, tratamos, pois, não de afirmar algo que se elege como o elo da

revista, normativo e predeterminado, mas algo pouco palpável, conceitual e prático, que paira sobre os processos de constituição da publicação, captado por aquilo que despontou do estudo que realizamos e só “possível”, em sua concretude, pelo encontro, pela ação, pelo movimento daquilo que constitui a revista (o seu todo editorial, temático, jornalístico, comunicacional) e da relação com ela. E que, por isso, será particular para cada publicação (distintos tipos de revistas), podendo, ou não, estar ou ser dessa maneira.

Foi no contato cotidiano com nosso objeto, portanto, durante nossa investigação, que percebemos a existência de uma espécie de “força-motriz” que parecia acionar na revista um processo jornalístico e comunicativo singular, norteado por um elemento que, do nosso ponto de vista, ultrapassava questões puramente editoriais (sem perdê-las) e que fazia cruzar os eixos de sua especialização e especialidade.

Olhando o contexto de midiaticização para o qual nos voltamos, e mesmo não sendo o sensível aquilo que, no sentido aqui apontado, mobilizaria a lógica de outras publicações, esse sensível também não é algo exclusivo de *Vida Simples*. Como sabemos, a presença do sensível é, como apontam muitos autores, um fenômeno atual que não diz respeito apenas a uma só mídia (ou “à” mídia), mas que, nesse cenário, vem ganhando destaque constante e refletindo uma importante faceta das afetações contemporâneas existentes na relação entre meios de comunicação e sociedade.

Esse cenário mais amplo, no qual o sensível ganha relevância, é explicado por Fausto Neto:

Não se trata mais da “era dos meios” em si, mas de uma outra estruturada pelas próprias noções de uma realidade de comunicação midiática. Nela, são organizados e dinamizados processos que reformulam as condições de enunciar a realidade, esta não mais como um fenômeno representável pela linguagem, mas que se constitui no próprio agenciamento enunciativo de novos modelos de interação. Ao se converter numa espécie de “sujeito” dos processos e das dinâmicas de interação social, a cultura midiática torna-se um complexo dispositivo em cujo âmbito se organiza um tipo de atividade analítica, cujas gramáticas, regras e estratégias geram ainda, por operações autorreferenciais engendradas no dispositivo, as inteligibilidades sobre as quais a sociedade estrutura suas novas possibilidades de interpretação (FAUSTO NETO, 2008, p. 94).

Longe de ser um “objeto das artes”, *Vida Simples* parece, então, “encarnar” algumas lógicas que dizem “do sentir”, tão presentes nessa nossa “época estética”, como denomina Perniola (1993) e relembra Sodré (2006), e forma um complexo processo de coafetação entre seu jornalismo e sua temática, interpelado, segundo nossos achados, por um aspecto sensível que perpassa toda a revista e acaba por encaminhar empiricamente a formulação de um todo editorial e, de maneira analítica, para uma problematização sobre sua identidade.

Assim, chama-se a atenção, entre tais dinâmicas, para um processo de mediação que vai além de modelos puramente cognitivos e que, no contexto da midiaticização, assume complexidades que correspondem, diretamente, à configuração de processos interacionais

e comunicativos mais amplos, agindo sobre a constituição da dimensão relacional do objeto aqui investigado e, ao mesmo tempo, sendo afetada pelas particularidades que dele emergem. Nesse contexto, por exemplo, ao focalizarmos os processos, o próprio trabalho de *Vida Simples* em relação aos imaginários sociais, convocando-os como meios de acesso à qualidade de vida por um outro viés, o da sensibilidade e o da experiência cotidiana, deixa à mostra essa dimensão outra da mediação singular por ela realizada⁴.

Com isso, nosso olhar, ao afirmar essa construção da revista, menos que tomar partido entre um viés racional ou sensível, vislumbra a presença deste último no ambiente do primeiro, como um composto e, portanto, sem um posicionamento dicotômico.

Ao pensar sobre uma “partilha do sensível” com base em regimes estéticos desde o campo da arte, Jacques Rancière afirma: “Por um lado, o modo *estético* do pensamento é bem mais do que um pensamento da arte. É uma ideia do pensamento, ligada a uma ideia da partilha do sensível” (RANCIÈRE, 2005, p. 68, grifo do autor). Para o autor, o culto da arte supõe uma “revalorização das capacidades ligadas à própria ideia de trabalho” (2005, p. 68), sendo esta “menos a descoberta da essência da atividade humana do que uma recomposição da paisagem do visível, da relação entre o fazer, o ser, o ver e o dizer” (2005, p. 68-69). Ao relacionar história e ficção, o autor coloca em questão como certos regimes de dizer, baseados em certas lógicas, têm, em sua constituição, questões que ultrapassam estatutos naturalizados de técnicas (que agem sobre “matérias inertes”) e práticas de trabalho.

Os enunciados políticos ou literários fazem efeito no real. Definem modelos de palavra ou de ação, mas também regimes de intensidade sensível. Traçam mapas do visível, trajetórias entre o visível e o dizível, relações entre modos de ser, modos do fazer e modos do dizer. [...] Reconfiguram o mapa do sensível confundindo a funcionalidade dos gestos e dos ritmos adaptados aos ciclos naturais da produção, reprodução e submissão (RANCIÈRE, 2005, p. 59).

Considerando os modos de ser, fazer e dizer de *Vida Simples*, sem aproximá-la do objeto artístico, mas de um regime de trabalho no qual processos significantes distintos e práticas jornalísticas se misturam, é que podemos passar do sensível (e pelo sensível) à singularidade da revista, casada à sua especialidade e, conseqüentemente, aos seus “modos de ser”. Não se trata, pois, necessariamente, de captar “o” sensível, mas de perceber como o sensível permite captar a globalidade de *Vida Simples*; o que é possível pelo que ele permite ver dos processos que ele mesmo desperta e que perpassam a processualidade mais ampla da revista, sua “revistação” (TAVARES, 2011), tal qual percebemos e desvelamos em nosso estudo.

4 - Gislene Silva (2010, p. 251) ao pensar sobre o sensível no jornalismo a partir dos imaginários, diz: “[...] as notícias devem ser compreendidas como um exercício de produção de sentido e de entendimento do mundo que responde não só a demandas pragmáticas – apreender a realidade objetiva e rotineira – mas também a demandas subjetivas – nos elevar ‘para além do imediato diário’ e nos situar dentro de ‘imensos edifícios de representação simbólica’”.

Nesse sentido, considerando os achados de nosso trabalho, podemos dizer que *Vida Simples*, nos dizeres de Sodré (2006, p. 11), incorpora um jornalismo que tangencia em sua materialidade e no processo comunicativo que o envolve um “contingente de afetos”, “matéria da estética considerada em sentido amplo, como modo de referir-se a toda dimensão sensível da experiência vivida”. Algo que, sob essa perspectiva, permite olhar a revista (considerando-se uma perspectiva atual sobre os estudos estéticos), a partir de um lugar que não o da arte, um de seus campos.

A recuperação da estética na atualidade passa menos pelo elogio monumentalizador das (neo)vanguardas do que pela aproximação da arte a uma vida cotidiana, marcada pelas imagens midiáticas, fundamentais para entender a cultura contemporânea não só ao se falar das condições de produção e de recepção, mas na análise do que antes chamávamos mensagem, produto, obra (LOPES, 2007, p. 23).

Pode-se afirmar que o sensível, assim, em *Vida Simples*, realiza uma costura, sendo ele o elemento de uma “relacionalidade” promovida. Ele relaciona um universo jornalístico e temático, acionando, subjetivamente e dentro de uma lógica jornalística própria (relacionada também ao sujeito-revista), um processo que se produz de maneira racional, ou que, em outras palavras, é produzido desde uma racionalidade específica, singular.

No contato com a revista e na análise dela, fica evidente como um fio invisível, pouco “palpável”, “paira” sobre o produto. Percebe-se que uma certa trama é por ele formada e, jornalisticamente, trabalha a seu favor. “Algo” que habita seus processos produtivos, incidindo, desde seu “todo” (tema, segmento, periodicidade, etc.), em seu jornalismo e na materialização mensal deste. Um elemento operador que ultrapassa os fragmentos desse todo e que os interconecta, dando, ao final, um sentido para a revista, para sua temática, e para sua globalidade editorial. É como se disséssemos aqui de uma “força” que parte dos acionamentos específicos que compõem todos os elementos da revista (conteúdos, suporte, prática jornalística) e que configura-se, por fim, numa “potência” maior, que vetoriza uma singularidade “revistativa” e, conseqüentemente, um processo editorial e comunicacional. O que ajuda a pensar, abstratamente e para além do sensível, em questões editoriais que permeiam o jornalismo de revista em seu universo mais amplo e em suas particularidades.

Referências

- ALBUQUERQUE, A. (2000). A narrativa jornalística para além dos fait-divers. *Lumina*, Juiz de Fora, v. 3, n. 2, p. 69-91, jul./dez.
- BRAGA, J. L. (2010). Experiência estética e mediatização. In: LEAL, B.; MENDONÇA, C.; GUIMARÃES, C. *Entre o sensível e o comunicacional*. Belo Horizonte: Autêntica. p. 73-88.

- BRAGA, J. L. (2007). Mediatização como processo interacional de referência. In: MÉDOLA, A. S. D.; ARAÚJO, D. C.; BRUNO, F. *Imagem, Visibilidade e Cultura Midiática*. Porto Alegre: Sulina, p. 141-167.
- FAUSTO NETO, A. (2008). Fragmentos de uma “analítica” da mediatização. *Revista Matrizes*, São Paulo, v. 1, p. 89-105.
- FECHINE, Y. (2007). Por uma abordagem do sensível na TV. In: MÉDOLA, A. S.; ARAÚJO, D.; BRUNO, F. (Orgs.). *Imagem, visibilidade e cultura midiática*. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, p. 189-203.
- GUIMARÃES, C.; LEAL, B. (2008). Experiência estética e experiência mediada. *In Texto*, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, p. 1-12.
- LEAL, B.; MENDONÇA, C.; GUIMARÃES, C. (2010). Experiência estética e comunicação: a partilha de um programa de pesquisa. In: _____. *Entre o sensível e o comunicacional*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 7-15.
- LOPES, D. (2007). *A Delicadeza: estética, experiência e paisagens*. Brasília: Ed. UnB.
- MAROCCHO, B. (2004). *Prostitutas, jogadores, pobres e vagabundos no discurso jornalístico*. São Leopoldo: Editora Unisinos.
- MEAD, G. H. (1926). The Nature of Aesthetic Experience. *International Journal of Ethics*, v. 36, p. 382-392.
- MEDINA, C. (2008). *Ciência e jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos*. São Paulo: Summus.
- PERNIOLA, M. (1993). *Do sentir*. Lisboa: Presença.
- RANCIÈRE, J. (2005). *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: EXO experimental Org.; Ed. 34.
- RESENDE, F. (2010). “Falar para as massas, falar com o outro: valores e desafios do jornalismo”. In: FRANÇA, V.; VAZ, P. B. *Comunicação Midiática: instituições, valores, cultura*. Belo Horizonte: Editora Autêntica.
- SERELLE, M. (2009). Jornalismo e guinada subjetiva. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, Florianópolis, SC, ano VI, n. 2, p. 33-44, jul./dez.
- SILVA, G. (2010). Imaginário coletivo: estudos do sensível na teoria do jornalismo. *Revista Famecos*, Porto Alegre: PUCRS, v. 17, n. 3, p. 244-252, set./dez.
- SODRÉ, M. (2006). *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*. Petrópolis: Vozes.
- TAVARES, F. de M. B. (2011). *Ser revista e viver bem: um estudo de jornalismo a partir de Vida Simples*. 468 f. Tese. (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, RS.
- VOGEL, D. (2005). A ficção do relato jornalístico. *Calígrama – Revista de Estudos e Pesquisas em Linguagens e Mídia*, São Paulo, v. 1, n. 3, set./dez.

Frederico de Mello Brandão Tavares é professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná. É doutor em ciências da comunicação pela Unisinos, jornalista e mestre pela UFMG.

fredericombtavares@yahoo.com.br

*Artigo recebido em julho
e aprovado em outubro de 2011*